

PEREGRINAÇÃO E TURISMO NA FESTA DO MUQUÉM: ENTRE O SAGRADO E O PROFANO

CIRQUEIRA, Marçal Cirqueira¹; ALMEIDA, Maria Geralda de²

Palavras-chave: Turismo, Peregrinação, Espaço Sagrado, Religiosidade

1. INTRODUÇÃO

Contemporaneamente, fruto de um desenvolvimento técnico-científico-informacional, vê-se um grande fluxo de pessoas e informação no espaço, o que gera, segundo Harvey(1993), uma compressão do espaço no tempo. A velocidade e a efemeridade com que se dão os fatos e fluxos, geram reverberações no espaço e na sociedade. Hall(2002) discutindo a relação pós-modernidade e sociedade, salienta que as velhas identidades, que por tempos deram aporte ao mundo social estão declinando, fazendo brotar novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, abalando as referências no mundo social. Desta forma, a cultura pós-moderna faz com que os mitos, crenças, ideologias, valores, etc. da sociedade sejam vistos e vivenciados de forma diferenciada do que vivíamos num tempo histórico anterior. Assim, indagamos: como se posta a religião e a religiosidade frente essas transformações.

Face às modificações atuais, Oliveira (1998) propõe que a busca existencial se confunde com a busca espiritual devido o culto ao consumismo e ao individualismo. Para ele, as instituições que antes ditavam e exerciam influência no corpo social perderam sentido e seu poder de referência na sociedade; segundo esse autor, os fiéis não mais precisam ir aos espaços sagrados para vivenciá-los, isso pode ser feito em sua própria residência.

Porém, apesar das afirmações do autor citado acima, vê-se cada vez mais intensa a busca por espaços sagrados por pessoas desejam estar e vivenciar essas localidades. A cada ano a peregrinação para lugares ditos sagrados cresce mais. Como publicada em reportagem na revista *Veja*(2004), localidades como Caminho de Santiago de Compostela na Espanha, de devoção cristã; a peregrinação pela “Rota de Buda” no Nepal e Índia, de culto budista; as trilhas feitas em ruínas Incas em Machu Picchu no Peru (esoterismo) e; a romaria para a basílica de Nossa Senhora de Aparecida em São Paulo, a cada ano recebe um número maior de peregrinos. Conseqüentemente essas localidades tornaram-se alvo de agências de turismo especializadas.

Assim, a partir dessas colocações: como relacionar o declínio das religiões tradicionais e a grande busca por esses lugares sagrados? Como a atividade turista se relaciona com essas peregrinações? Peregrinar é o mesmo que fazer turismo? Qual a relação desses indivíduos modernos com os “antigos” espaços sagrados?

No bojo dessa discussão buscaremos abordar no presente trabalho de pesquisa a festa de Nossa Senhora D’Abadia-Romaria do Muquém, que ocorre no município de Niquelândia-Go, analisando as relações diferenças entre turista/peregrino e espaço sagrado/profano na festa.

2. METODOLOGIA

¹ Bolsista de iniciação científica. Instituto de Estudos Sócio-Ambientais – IESA, Núcleo de Estudos em Turismo e Cultura diogogeo@hotmail.com.

² Orientadora/Instituto de Estudos Sócio-Ambientais – IESA/UFG, galmeida@iesa.ufg.br

Inicialmente buscamos uma bibliografia específica sobre turismo e referente às ciências humanas: Geografia, Sociologia, História e Antropologia, que tratassem da temática em questão. Isso juntamente com informações sobre a Região onde ocorre a romaria. Simultaneamente pudemos aprofundar os conhecimentos teóricos e sobre a festa escolhido para a pesquisa.

Buscamos, desta forma, conhecer a área em estudo no que tange os aspectos sociais e culturais. Isso através de visitas técnicas, que nos permitiram fazer um inventário dos potenciais turísticos, através da aplicação de questionários e entrevistas junto à comunidade, agentes fomentadores do turismo e o poder público.

Finalmente, como produto das visitas técnicas, podemos produzir relatórios através dos dados obtidos, o que nos proporcionou a elaboração de um diagnóstico da festa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Romaria de Nossa Senhora D'Abadia ocorre no pequeno aglomerado rural de Muquém, localizado a 47 Km da sede do Município de Niquelândia, com acesso pela Go-237, a denominada Rodovia da Fé. Niquelândia, situado na região Norte de Goiás, possui uma população de 37.456 habitantes e sua economia se baseia na mineração, mais especificamente na extração de níquel.

Atualmente o município obteve maior visibilidade no plano estadual, devido à construção do Lago da Usina Hidroelétrica (UHE) de Serra da Mesa. Este é o maior lago artificial do Brasil, sendo alvo de políticas para implantação do turismo na região. Atraindo uma grande quantidade de turistas para a localidade, principalmente em busca da pesca.

A tradição da Romaria de Muquém nasce em 1748. Ela foi fruto de uma promessa feita por Antônio Antunes. Perseguido pela Coroa por sonegar impostos, o mesmo promete fazer uma capela para Nossa Senhora da D'Abadia se escapasse dos fiscais do rei, o que ocorreu. A partir daí é construída uma capela para Nossa Senhora D'Abadia, iniciando também a peregrinação para o povoado de Muquém.

A Romaria do Muquém ocorre anualmente, com início no dia cinco de Agosto, dia de Nossa Senhora da D'Abadia, e vai até dia quinze do mesmo mês. Consiste na peregrinação, de fiéis ou não de Nossa Senhora da D'Abadia, que percorrem da cidade de Niquelândia até o povoado de Muquém. A Romaria já ocorre há mais de 200 anos. Dela participam pessoas de Brasília, Goiânia, São Paulo, e até do exterior. Segundo a Secretaria de Cultura do município chega a 100.000 o número de pessoas no povoado de Muquém. Com a festa Muquém cresce estabelece-se uma “cidade-temporária”(D'Abadia. 2003).

Segundo Ferreira (*apud* D'Abadia. 2003, p.107) esse deslocamento de pessoas se caracteriza como turismo religioso, isto é, “motivado pela fé ou necessidade de cultura religiosa, seja através da visitação a igrejas e santuários, seja pela peregrinação, romarias e congressos eucarísticos”. Porém, problematizamos; peregrinos/romeiros se relacionam com o lugar e os rituais religiosos da mesma forma que turistas?

Como peregrinos, segundo Rosendahl(1998), podemos caracterizar aquele que se desloca para localidade relativamente distantes e suas motivações estão ligadas a religiosidade. Para Castrogiovanni (2002, p.62-63) o “turista é aquele que se desloca temporal e voluntariamente para fora de seu lugar de residência habitual, com ou sem motivos de recreação, sem incorporar-se ao mercado de trabalho do lugar de destino. O turismo é uma atividade nascida do espontaneísmo”. Assim, evidenciamos que as motivações para o deslocamento entre peregrinos e turistas são diferentes, enquanto os primeiros são

motivados por questões religiosas ou sobrenaturais o turista é caracterizado pela espontaneidade, pelo lazer.

Dando continuidade a esse debate; D'Abadia (2003) ressalta que o ato de peregrinar se constitui como fazer turismo, pois “é um movimento carregado de prazer e satisfação espiritual”(106). Já Rosendahl (*idem*) ressalta a diferença entre peregrinos e turistas porque enquanto o ato de peregrinar está intimamente ligado à devoção religiosa em que a pessoa busca o conforto espiritual através do sofrimento físico, o turismo busca sensações agradáveis através de relações predominantemente superficiais com o lugar e as pessoas do lugar.

O turismo na maioria das vezes, é forjado a partir das representações existentes no imaginário social coletivo. Diante disso, Almeida (2003, p.15) salienta que “práticas turísticas não significam a realidade vivenciada mas sim representações. As representações são fundadas sobre a aparência dos objetos e não sobre o objeto em si”. Ou seja, o turista, em sua maioria, não vivencia a essência do lugar ou das relações sócio-culturais exercidas na localidade. Dessa forma, é estabelecida uma relação superficial, pois, além do turista ser um mero passageiro, suas expectativas estão assentadas sobre seu imaginário “fetichizado” do local. Quanto ao devoto, ou peregrino, sua percepção e a vivência do espaço e símbolos é intensa. Enquanto os símbolos, os eventos, os rituais do percurso sagrado não são entendidos pelo turista, para o grupo religioso envolvido são inteligíveis.

No Santuário podemos constatar a presença concomitante de devotos e turistas. Em nosso pensar, os peregrinos voltam-se somente para as atividades ligadas a religiosidade enquanto os turistas se atem às atividades profanas, ou seja, desligadas da religiosidade. No entanto é constatada a presença de pessoas que participam das tanto das atividades religiosas quanto das profanas no santuário.

Em Muquém, povoado com uma população de aproximadamente de 500 habitantes, no período da festa estabelece uma organização espacial diferenciada para aportar cerca de 160.000 devotos, como proposto pelo Pr. Aldemir, Reitor Pároco do Santuário de Nossa Senhora D'Abadia. Conforme Maia (1999, p. 204), as festas são eventos efêmeros que perduram por um pequeno período de tempo variando entre horas até semanas, ou seja, como é visto no Santuário de Nossa Senhora da Abadia em Múquem espaço se modifica no período de ocorrência da festa.

Os devotos (ou não-devotos) se territorializam no santuário de Nossa Senhora da D'Abadia através de barracas de lona que são armadas em todo em torno do Templo. “Ranchos” acolhem a presença de famílias inteiras que se dividem entre os rituais ligados a religiosidade cristã e atividades profanas relativas a praticas não religiosas.

No santuário é perceptível a delimitação entre o espaço sagrado e o profano. Segundo Eliade(2001) o nascimento do espaço sagrado se dá por meio da hierofania (a manifestação da divindade no espaço), isso resulta uma localidade que se distingue qualitativamente, a partir da percepção de devotos, do espaço em seu entorno, considerado profano. Com ele concorda Rosendahl(2002, p.30)., ao afirmar que o espaço sagrado é “um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de se mesmo que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência” O homem religioso tem necessidade de se relacionar com os espaços sagrado, pois é no mesmo que ele se comunicará com Deus. Isso é percebido nos devotos de Nossa Senhora da D'abadia. Severino, entrevistado em de 02/08/05, salienta que há quarenta anos visita o santuário e que pretende lá visitar até sua morte.

O espaço profano, ou seja o espaço que não carrega nenhuma conotação simbólica-religiosa, também é marcante em Muquém. São as localidades destinadas ao comércio de bens; utensílios domésticos, roupas, comida, etc. É comercializada, também, bebidas alcoólicas e em certas barracas são ligadas sons onde ocorrem os famosos “farrós”. Esses espaços profanos, são enclaves dentro do santuário, estabelecidos paralelamente e como contradição às atividades religiosas.

4. CONCLUSÃO

Na festa de Nossa Senhora D’Abadia ou a Romaria do Muquém o turismo ocorre de forma intensa, atraindo pessoas não somente da região mas de outros Estados, o que proporciona uma mescla entre esses turistas e devotos. Isso proporciona o surgimento de novos significados acerca do espaço sagrado no santuário e, até mesmo, gera conflito, entre os gestores deste território e os indivíduos que se dedicam as práticas não religiosas na localidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Geralda. **A Falácia das Trocas Culturais**. In: Paradigmas do Turismo. Org. Almeida, M. G. Alternativa. Goiânia, 2003. (11-22)

D’ABADIA, Maria Idelma Vieira. **Nos Caminhos de Múquem: Romaria e Fé X Turismo e Lazer**. In: Paradigmas do Turismo. Org. Almeida, M. G. Alternativa. Goiânia, 2003. (105-112)

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões**. Martins Fontes. São Paulo, 2001.

ROSENDAHL, Zeni. **Espaço e Religião: Uma Abordagem Geográfica**. UERJ. Rio de Janeiro, 1996.

_____, Zeni. **Percepção, Vivência e Simbolismo do Sagrado: Peregrinos e Turistas Religiosos**. In Da Cidade ao Campo: A Diversidade do Saber-fazer Turístico. Org.: LIMA, L. C. Finace. Ceará, 1998. (134-143)

OLIVEIRA, Christian D. M. de. **Religiosidade Popular na Pos-Modernidade: Um Ritual Turístico**. In Da Cidade ao Campo: A Diversidade do Saber-fazer Turístico. Org.: LIMA, L. C. Finace. Ceará, 1998. (153-160)

HALL, Stuart. **Identidades Culturais na Pós-modernidade**. DPA Ed. Rio de Janeiro, 1997.

DAVID, Harvey. **Condição Pós-moderna**. Loyola. São Paulo, 1996.